

## **CRISE CLIMÁTICA E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL: EDUCAÇÃO E PRÁTICAS DECOLONIAIS PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

XAVIER, Maria Virgínia Alves<sup>1</sup>  
ALMEIDA, Patrícia Roberta Alves Xavier de<sup>2</sup>  
BERNARDINO, Flávio Kedson Xavier<sup>3</sup>

**RESUMO:** A justiça socioambiental é essencial para um futuro sustentável, especialmente para as comunidades vulneráveis diante da crise climática. A educação, ao integrar práticas decoloniais e valorizar as questões culturais locais, fortalece o papel dos estudantes na sociedade, desafiando as estruturas educacionais tradicionais e eurocêtricas. O objetivo deste projeto foi abordar a crise climática e os desafios ambientais locais de maneira crítica e reflexiva, ao mesmo tempo em que se resgatavam saberes e tradições culturais da comunidade. A metodologia incluiu rodas de conversa sobre a crise climática e a Caatinga, com exibição de vídeos e músicas, além do plantio de mudas nativas, realizadas na Escola Domingos Jacinto Ferreira, em Ibitiranga Carnaíba. A criação de um videocast em execução permitirá aos alunos problematizar as questões ambientais, econômicas, sociais e culturais da região. Durante as atividades, observamos grande engajamento dos alunos, que demonstraram interesse e inquietação com o cenário da crise climática, além de uma participação ativa nas discussões e no plantio das mudas. O uso de vídeos e músicas locais foi eficaz para conectar os alunos à realidade do sertão e à cultura local, proporcionando uma aprendizagem mais significativa. Os resultados indicam que, ao integrar práticas decoloniais e valorização das questões culturais, é possível promover uma educação mais crítica e transformadora, fortalecendo o vínculo dos alunos com a sua comunidade e com as questões socioambientais. A continuidade do projeto, com a culminância prevista para o final do ano letivo, promete ampliar o impacto dessas reflexões.

**PALAVRAS-CHAVE:** BIOMA CAATINGA; CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL; PENSAMENTO DECOLONIAL E INDENTIDADE.

### **1 INTRODUÇÃO**

A crise climática tem se intensificado nas últimas décadas, trazendo impactos diretos e indiretos sobre a biodiversidade, a saúde humana e os sistemas naturais essenciais para a vida no planeta. No Brasil, especialmente nas regiões mais vulneráveis, como o Semiárido, os efeitos dessa crise são ainda mais evidentes, com

---

<sup>1</sup> Licenciatura em Ciências Biológicas. Escola Domingos Jacinto Ferreira. Professora de Ciências do Ensino Fundamental, Anos Finais. E-mail: mvirginiaalvesxavier@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciatura em Letras. Escola Municipal Ana Melo. Professora de Português do Ensino Fundamental, Anos Finais.

<sup>3</sup> Bacharel em Psicologia. Psicólogo do Centro Especializado em Reabilitação. Afogados da Ingazeira, PE. 2025.

a desertificação e a escassez de água afetando profundamente as comunidades locais. Esses fenômenos fortalecem as desigualdades socioambientais, colocando em risco a sobrevivência de populações já marginalizadas, que dependem diretamente dos recursos naturais para garantir seu sustento.

Nesse contexto, a justiça socioambiental surge como um pilar essencial para garantir que as populações vulneráveis tenham acesso aos recursos necessários para se adaptar às mudanças climáticas e mitigar seus efeitos. Garantindo não apenas a preservação ambiental, mas também a equidade no acesso a esses recursos e a participação ativa das comunidades nas decisões que afetam seus territórios. A educação desempenha um papel fundamental nesse processo de transformação, ao proporcionar a conscientização crítica sobre os desafios socioambientais e empoderar os indivíduos para que se tornem protagonistas na busca por soluções sustentáveis.

Além disso, a educação decolonial surge como uma abordagem essencial para superar os limites da educação tradicional, frequentemente ancorada em perspectivas eurocêntricas e coloniais que tem contribuído para a marginalização de saberes locais e tradicionais, desvalorizando as realidades das comunidades. Essa educação propõe uma reconexão com esses saberes e práticas, promovendo uma abordagem mais inclusiva e contextualizada, que respeite as identidades e histórias dessas comunidades.

Este estudo tem como objetivo analisar como a educação decolonial pode contribuir para a construção de uma consciência crítica sobre a crise climática, promovendo a justiça socioambiental e fortalecendo as comunidades rurais para que se tornem agentes ativos na busca por soluções sustentáveis. No corpo deste trabalho, serão abordadas as principais práticas de ensino que valorizam saberes locais, o papel da educação na promoção da justiça socioambiental e a importância de adotar uma abordagem decolonial para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa, com foco em ações educativas e de sensibilização, utilizando abordagens participativas e interativas. Essa abordagem está alinhada com os princípios defendidos por Freire (2005), que enfatiza a importância de uma educação libertadora e dialógica, onde os alunos são protagonistas no processo de aprendizagem. O estudo foi conduzido na Escola Domingos Jacinto Ferreira, localizada em Ibitiranga Carnaíba,

PE Ibitiranga é um distrito do município de Carnaíba, localizado no Sertão do Pajeú, Pernambuco, a aproximadamente 20 km da sede municipal. A região possui relevo ondulado e está a cerca de 500 metros de altitude. O clima é semiárido, com temperaturas médias entre 25°C e 30°C, e pouca precipitação anual (aproximadamente 600 mm), concentrada entre janeiro e abril. A vegetação predominante é a Caatinga, adaptada ao clima seco, com baixa umidade relativa do ar e ventos moderados.

Foram realizadas rodas de conversa sobre a crise climática e a Caatinga, com o apoio de vídeos e músicas, que facilitaram a compreensão e o engajamento dos participantes. Além disso, foi promovido o plantio de mudas nativas, realizado na própria escola, visando à conscientização ambiental na prática. Também foi desenvolvido um videocast, atualmente em execução, com o intuito de problematizar questões ambientais, econômicas, culturais e sociais, de forma local e global, fortalecendo o vínculo com a comunidade escolar e ampliando o alcance da temática. Para a coleta e análise de dados, foram utilizados instrumentos como observações dos participantes e registros audiovisuais das rodas de conversa e atividades práticas.

Ademais, busca-se que ao longo de todo o ano letivo de 2025, o desenvolvimento de atividades que promovam a valorização de saberes tradicionais, fortalecendo a identidade regional, levando ao questionamento das narrativas coloniais dominantes. Essas práticas serão abordadas através de projetos interdisciplinares, que envolvam os alunos nas questões ambientais, sociais, econômicas e culturais que permeiam o contexto local e global.

A culminância do projeto, que será realizada no final do ano letivo de 2025, está prevista para incluir a exposição dos trabalhos dos alunos em barracas e estandes, onde serão apresentadas soluções práticas para problemas ambientais e sociais locais, resgate de costumes e tradições locais como danças, comidas regionais, artesanato, uso de plantas medicinais, jogos de tabuleiro e brincadeiras regionais, cantigas de roda, contos e histórias locais, história da comunidade e fundação do distrito de Ibitiranga, existência de comunidades quilombolas na região, entre outros. Embora essa etapa ainda não tenha ocorrido, espera-se que ela seja um momento de integração e visibilidade das aprendizagens dos alunos, permitindo-lhes apresentar suas descobertas, práticas e soluções de forma criativa e interativa.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da intervenção educacional na Escola Domingos Jacinto Ferreira, indicam uma participação ativa e engajada dos alunos durante as rodas de conversa sobre a crise climática e a cultura local. Essa participação pode ser entendida à luz da teoria de Paulo Freire, que defende a educação como um processo dialógico e crítico, em que o aluno é visto como sujeito ativo de sua aprendizagem (Freire, 1996). Durante as rodas de conversa (Figura 1), os alunos não apenas identificaram o tema da crise climática, mas também se envolveram de maneira significativa com a discussão, principalmente através da exibição de vídeos que retratavam a realidade do povo sertanejo e da cultura local. O uso de vídeos, como recursos audiovisuais, se alinhou à proposta de favorecer a reflexão crítica sobre a realidade social e ambiental, uma vez que estes meios podem tornar o conhecimento mais acessível e engajador (Moreno, 2018).

Figura 01. Roda de conversa com os alunos e funcionários a Escola Municipal Domingos Jacinto Ferreira



Fonte: Elaborado pelo próprio autor. 2025.

A exibição de músicas que refletiam aspectos da cultura local foi outro ponto de destaque, pois despertou nos alunos um grande envolvimento, levando-os a se expressarem através da dança e da música. Esse tipo de abordagem pode ser compreendido dentro do conceito de "educação sensível", que envolve a afetividade e as expressões culturais dos estudantes no processo de aprendizagem, como afirma Boaventura de Sousa Santos (2006). O movimento de dançar, cantar e se expressar de forma lúdica não apenas proporcionou uma experiência de envolvimento cultural,

mas também criou um ambiente de aprendizado mais dinâmico e inclusivo, respeitando as especificidades culturais dos estudantes.

Um dos momentos mais reveladores da roda de conversa foi o despertar da inquietação nos alunos sobre como mudar o cenário da crise climática, tanto global quanto local. A discussão sobre a crise ecológica gerou uma reflexão sobre as causas e os impactos desse fenômeno, ao mesmo tempo em que motivou os alunos a pensar em soluções práticas e locais. Essa disposição para agir é apoiada pela abordagem da "educação para a sustentabilidade", que propõe que a educação deve promover uma compreensão das relações ambientais e sociais e incentivar ações práticas para a preservação e transformação (Sachs, 2015). Assim, ao estimular o pensamento crítico sobre como combater a crise climática e ao mesmo tempo envolver os estudantes na busca por soluções, a atividade promoveu não apenas a conscientização, mas também a motivação para a ação.

Um dos pontos centrais do projeto foi o plantio de mudas nativas (Figura 2), com destaque para o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) e o ipê (*Tabebuia* sp.), que têm grande importância ambiental e cultural para a região. O umbuzeiro é uma árvore típica do bioma Caatinga, essencial para o equilíbrio ecológico da região, pois oferece alimento e abrigo para diversas espécies de fauna local. Além disso, o umbuzeiro é altamente resistente à seca, sendo fundamental para a preservação da biodiversidade em um ambiente árido, como o sertão nordestino (Medeiros et al., 2015). Sua fruta, o umbu, é também um alimento nutritivo, com alto valor cultural e econômico, especialmente em comunidades rurais, sendo utilizado em várias formas de consumo, como polpas e sucos.

Figura 2. Plantio de mudas de umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) e Ipê (*Tabebuia* sp.) na Escola Municipal Domingos Jacinto Ferreira



Fonte: Elaborado pelo próprio autor. 2025.

Já o ipê, uma árvore imponente na Caatinga e em outros biomas do Brasil, é conhecido por sua resistência e por ser símbolo de resistência e regeneração da natureza. Sua floração exuberante, além de ser esteticamente apreciada, possui uma forte ligação com a identidade cultural local, representando a força da natureza frente às adversidades climáticas. O ipê é uma árvore que ajuda na recuperação de solos e no equilíbrio do ecossistema, sendo vital para o aumento da cobertura vegetal em áreas degradadas (Silva et al., 2017). O plantio dessas árvores no contexto escolar não só contribui para a recuperação ambiental local, mas também fortalece a conscientização dos alunos sobre a importância da preservação e do respeito às espécies nativas, além de fornecer um exemplo prático de ações que podem ser realizadas para mitigar os impactos da crise climática.

O interesse e a adesão dos alunos para discutir e fundamentar esses estudos em um videocast reflete a importância da apropriação do conhecimento por parte dos estudantes e de sua capacidade de expressar suas próprias vozes. O videocast, como ferramenta de expressão e produção de conteúdo, favorece a formação de um espaço de interlocução entre os alunos, permitindo que eles compartilhem seus pensamentos, preocupações e soluções para os problemas ambientais e sociais abordados. Esse tipo de atividade se relaciona com o conceito de "cidadania ativa", que envolve a participação dos indivíduos no processo de construção do conhecimento e na transformação social (Giddens, 2003).

O evento de culminância do projeto, previsto para o final do ano letivo de 2025, reforçar o valor da "educação decolonial", que busca promover a valorização das culturas locais, questionando as narrativas dominantes e ampliando os horizontes educacionais (Mignolo, 2003). Além disso, a inclusão de elementos da história local, como o resgate de tradições culturais e a referência a povos quilombolas e originários, fortalece o processo de construção da identidade local, essencial para a formação de uma cidadania crítica e engajada.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto desenvolvido tem como base as práticas decoloniais, que buscam desconstruir narrativas hegemônicas e valorizar o conhecimento local e as culturas

tradicionais. Durante as atividades realizadas até agora, como as rodas de conversa sobre a crise climática e o plantio de mudas nativas, foi possível perceber a importância de integrar os saberes e as vivências da comunidade no processo de aprendizagem.

As rodas de conversa abordaram a crise climática de uma maneira que conectou os alunos diretamente com a realidade do sertão nordestino, utilizando vídeos e músicas que representavam a cultura local. Essa abordagem respeita e valoriza o conhecimento tradicional, ao invés de impor uma visão externa ou globalizada sobre os problemas ambientais. Ao trabalhar com a música e a dança típicas da região, os alunos puderam se expressar culturalmente e reconhecer a importância de sua própria herança, em um processo que se alinha à ideia de educação decolonial, que busca a valorização dos saberes locais em vez de modelos educacionais impostos.

O plantio do umbuzeiro e do ipê também se insere dentro dessa perspectiva decolonial. Essas árvores, típicas da Caatinga, são fundamentais para a preservação do bioma local e possuem um alto valor cultural e econômico para a comunidade. Ao ensinar sobre essas espécies nativas, o projeto resgata práticas de cuidado com o meio ambiente que são próprias da cultura local, desafiando o modelo de preservação que muitas vezes ignora ou subestima os conhecimentos tradicionais dos povos da região.

Além disso, a criação do videocast, que permitirá aos alunos discutir e expor suas ideias sobre questões ambientais e sociais, é uma ferramenta que amplifica as vozes dos estudantes, permitindo-lhes expressar suas próprias perspectivas. Essa ação reflete a proposta decolonial de dar voz aos sujeitos historicamente marginalizados, permitindo que eles se tornem protagonistas de sua própria educação e de seu próprio futuro.

Portanto, as práticas adotadas no projeto são um exemplo claro de como a educação pode ser transformadora quando respeita e valoriza as culturas locais, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão crítica sobre os desafios globais e locais. As atividades realizadas até agora estão em sintonia com os princípios de uma educação decolonial, pois buscam a valorização do saber local e a construção de uma identidade crítica para os alunos.

Agrademos à direção, professores e funcionários da Escola Domingos Jacinto Ferreira pelo apoio e dedicação ao longo deste projeto. A colaboração da Secretaria de Educação de Carnaíba foi fundamental para a implementação das atividades, garantindo os recursos e suporte necessários.

Agradecemos também ao Secretário de Cultura e Esportes de Afogados da Ingazeira, Augusto Martins, pelo incentivo e assistência prestados. Sua contribuição direta ao doar mudas para o plantio de árvores nativas reforça seu compromisso com a sustentabilidade e o desenvolvimento ambiental da região, alinhando-se aos objetivos do nosso projeto.

Por fim, agradecemos aos alunos e à comunidade escolar, cuja participação ativa e entusiasmo tornam este projeto ainda mais significativo. A interação e o empenho de todos têm sido fundamentais para o sucesso desta iniciativa.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. (1996). **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra.

GIDDENS, A. (2003). Sociologia. Editora Objetiva.

MEDEIROS, P. M., et al. (2015). Umbuzeiro: O resgate do umbuzeiro na Caatinga. Editora Caatinga.

MIGNOLO, W. (2003). Dossiê: O pensamento decolonial. Editora da Universidade Federal de Goiás.

MORENO, S. (2018). Audiovisual na educação: práticas e linguagens. Editora Papyrus.

SACHS, J. (2015). A era do desenvolvimento sustentável. Companhia das Letras.

SANTOS, B. de S. (2006). A gramática do tempo: Para uma nova cultura política. Editora Vozes.

SILVA, F. M., et al. (2017). O ipê como elemento simbólico e ecológico da Caatinga. Revista Brasileira de Botânica, 40(3), 351-360.